

Uma breve história sobre a origem e os primeiros anos de vida do Departamento de Ecologia da
UFRJ

Relatada Por Francisco De Assis Esteves

Primeiro Bacharel em Ecologia

(Vestibular 1970)

Departamento de História Natural: A Célula Mater do Instituto de Biologia

O Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é fruto do ideal acadêmico de precursores das Ciências Biológicas brasileira que atuavam na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, hoje UFRJ, importante instituição de ensino e de pesquisa fundada no dia 5 de julho de 1937, em pleno Estado Novo, sob o comando do Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema. Um dos seus departamentos mais atuantes era o Departamento de História Natural, que abrigava três grupos de pesquisa: genética, zoologia e botânica.

Embora a missão do Departamento de História Natural fosse prioritariamente, formar licenciados para ministrar aulas de ciências e de biologia no antigo ginásio e científico, hoje ensino médio, os grupos de pesquisa em genética e em zoologia já contavam com considerável número de pesquisadores, núcleos de pesquisas bem identificados e desenvolvendo pesquisas pioneiras para a época. Além disso, já mantinham intenso intercâmbio científico com pesquisadores brasileiros e estrangeiros. No caso do Grupo de Zoologia, as pesquisas estavam estruturadas no Centro de Estudos Zoológicos, conhecido por todos que frequentavam as salas de aula, os laboratórios e os corredores da Faculdade Nacional de Filosofia como CEZ. Estagiar no CEZ da Faculdade Nacional de Filosofia era um sonho para muitos jovens estudantes de História Natural. Nos laboratórios do CEZ, dedicados professores e estudantes desenvolviam pesquisas sobre a taxonomia e a ecologia de animais terrestres e especialmente marinhos. Foi nos laboratórios do CEZ que se desenvolveram as pesquisas pioneiras sobre vários organismos da Baía de Guanabara, Baía de Sepetiba e de várias regiões do litoral brasileiro.

Grande parte das atividades de pesquisa desenvolvida no Departamento de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia foi entusiasticamente incentivada por duas lideranças científicas de grande importância para a ciência brasileira e especialmente fluminense: Professores Aluysio da Graça Calheiros de Mello Leitão e Antônio Geraldo Lagden Cavalcanti, que coordenavam os Grupos de Zoologia e de Genética respectivamente.

*Professores Aluysio da Graça Calheiros de Mello Leitão e Antônio Geraldo Lagden Cavalcanti:
Os Fundadores do Instituto de Biologia*

O Professor Aluysio da Graça Calheiros de Mello Leitão foi um renomado pesquisador em zoologia. Seu pai havia sido um dos mais destacados cientistas brasileiros, o médico-zoólogo Cândido Firmino Mello Leitão (1886-1948), que foi professor de zoologia na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, em Niterói, e presidente da Academia Brasileira de Ciências (1943-1946). Além disso, pertencia a uma família de grande prestígio na sociedade carioca.

O Professor Aluysio da Graça Calheiros de Mello Leitão foi um homem de grande generosidade e cultivava amizade com professores e especialmente com os alunos e contribuiu para a história do Instituto de Biologia de maneira direta, em três momentos distintos: 1º- ao consolidar a área zoologia como uma relevante área do saber, criando o Departamento de Zoologia do Instituto de Biologia da UFRJ e influenciando a construção dos pilares desta ciência no Brasil; 2º- ao fazer gestões junto à reitoria da UFRJ da época para que o Instituto de Biologia ocupasse integralmente o Bloco A do recém-construído prédio do Centro de Ciências da Saúde e desta maneira expandisse, consideravelmente, a sua área física e 3º- através de seu prestígio pessoal e de sua família, evitou que durante as “visitas” de agentes do sistema militar ao Instituto de Biologia (entre os alunos eram chamados “os homens”), vários alunos e professores fossem denunciados e presos por agentes da ditadura. Neste período era frequente rumores entre alunos, servidores e professores da presença de alunos suspeitos (“os homens”) frequentando aulas em diferentes auditórios e salas de aulas do CCS. Todos temiam os agentes do Departamento de Ordem Pública e Social(DOPS) devido aos seus terríveis interrogatórios, que eram geralmente acompanhados de ameaças de torturas ou mesmo de torturas.

O Professor Antônio Geraldo Lagden Cavalcanti era médico de formação, mas nunca exerceu a profissão, tendo se dedicado à História Natural, desde a sua graduação em 1938. Era filho de uma renomada família de militares. Seu pai, General Newton Andrade Cavalcanti (1885-1965), foi muito conhecido na sua época por ter sido interventor de Vargas no Rio de Janeiro em 1935.

Professor Antônio Geraldo Lagden Cavalcanti era conhecido entre muitos geneticistas brasileiros e teve sua carreira fortemente influenciada pelo geneticista russo Theodosius Dobzhansky, que o conheceu durante uma breve permanência na Universidade de São Paulo e teve uma passagem rápida pelo recém-criado Instituto de Biologia, pois foi convidado a ocupar o cargo de professor da Escola Superior de Guerra. Durante a Ditadura Militar, atuar na Escola Superior de Guerra era muito almejado por alguns cientistas, pois era fonte de prestígio junto ao regime militar.

Ano de 1968: Nascimento do Instituto de Biologia

Em plena vigência do período de trevas da história brasileira, que representou os anos de ditadura militar (1964-1985), o governo da época extingue a Faculdade Nacional de Filosofia. Para

o regime militar da época não faltavam motivos para colocar em prática a proposta de extinguir esta renomada instituição de ensino e pesquisa. Entre alguns motivos principais podem ser destacados: 1º- Era um centro de resistência estudantil contra o regime militar e 2º- Estava sediada em local estratégico, na Avenida Presidente Antônio Carlos, em pleno centro da cidade do Rio de Janeiro, no epicentro das demonstrações contra o regime. Durante várias demonstrações alunos, professores e servidores da Faculdade Nacional de Filosofia utilizavam, com muita frequência, os laboratórios e salas de aulas como refúgio para fugir das forças de repressão.

Assim, no ano de 1968 é extinta a Faculdade Nacional de Filosofia e para cumprir a sua missão dentro da UFRJ foram criados os vários institutos, entre estes: Instituto de Biologia, Escola de Comunicação, Faculdade de Educação, Instituto de Física, Instituto de Matemática, Faculdade de Letras, Instituto de Geociências, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Psicologia e Instituto de Química.

Para extinguir a Faculdade Nacional de Filosofia, os pensadores do regime militar aplicaram a conhecida regra: fragmentar para enfraquecer e como se não fosse suficiente à fragmentação do saber, as Unidades Acadêmicas resultantes da Faculdade Nacional de Filosofia foram alocadas numa ilha, a Ilha do Fundão, para aumentar ainda mais o isolamento. Na década de 1970 a Ilha do Fundão era acessível apenas pela Avenida Brasil e chegar até as novas instalações da UFRJ representava uma viagem.

Por ocasião da reunião da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia, realizada no dia 11 de julho de 1968, que teve como presidente, o reitor da UFRJ, Professor Raimundo Moniz de Aragão nomeou o professor Antônio Geraldo Lagden Cavalcanti, Coordenador do Grupo de Genética, diretor *pro tempore* do recém-criado Instituto de Biologia. Três anos após a sua criação o Conselho Universitário aprova o seu primeiro regimento (12/8/1971). Neste regimento o Instituto de Biologia passava a ser uma das Unidades Acadêmicas do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN).

O Instituto de Biologia se estabeleceu inicialmente em um prédio localizado da Praia Vermelha, onde ocupava alguns andares compartilhados com outros recém-criados institutos e a Escola de Química.

Os três Grupos de pesquisa mais atuantes do antigo Departamento de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia foram os embriões dos três primeiros Departamentos do recém-criado Instituto de Biologia: Departamentos de Zoologia, Departamento de Genética e Departamento de Botânica. Este último não nasceu integralmente na Faculdade Nacional de História Natural, visto que sua criação foi resultante da fusão da antiga cátedra de Botânica da antiga Faculdade de Filosofia, junto com a cadeira de Botânica da Faculdade de Farmácia. Seu primeiro chefe foi o catedrático, Professor Paulo Occhioni, que era especialista em taxonomia de plantas superiores.

Mais tarde foi criado o Departamento de Biologia Marinha, que emergiu em decorrência do crescimento do grupo de pesquisa do antigo CEZ, que se dedicava a pesquisas sobre organismos marinhos e teve com primeiro chefe, o Professor Henrique Rodrigues da Costa. Como no caso do Departamento de Ecologia, o Departamento de Biologia Marinha teve para a sua criação, forte incentivo e articulação política-acadêmica do Professor Aluysio da Graça Calheiros de Mello Leitão, do qual o Professor Henrique Rodrigues da Costa era discípulo.

Professor Fernando Segadas-Vianna: Fundador do Departamento de Ecologia

A origem do Departamento de Ecologia está ligada diretamente a um dos precursores da Ecologia moderna brasileira, o Professor Fernando Segadas-Vianna (1928-2010) e também a uma instituição de tradição centenária, o Museu Nacional.

O cientista Fernando Segadas-Vianna se formou em agronomia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e após realizar pesquisas de campo no Brasil com um expoente ecólogo da época, o pesquisador canadense, Pierre Dansereau, da Universidade de Montreal, foi convidado para desenvolver pesquisas nos Estados Unidos e no Canadá.

Pierre Dansereau a convite do CNPq chegou ao Brasil no ano de 1945 e permaneceu até o ano de 1947 na Divisão de Botânica do Museu Nacional. Neste período, além de oferecer cursos de Biogeografia para alunos de todos os estados brasileiros, desenvolveu várias pesquisas sobre a Ecologia de nossas plantas, notadamente aquelas do Parque Nacional de Itatiaia (localizado na divisa entre os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo).

Durante sua estada na Divisão de Botânica do Museu Nacional, o cientista Pierre Dansereau construiu grande amizade com o Professor Fernando Segadas-Vianna, e além disso, possibilitou-lhe sólida formação em Ecologia. Em uma entrevista ao jornal O Pasquim, edição Nº 283 de dezembro de 1974 (este jornal ficou imortalizado como sendo um dos poucos periódicos de oposição clara ao regime militar), o Professor Fernando Segadas-Vianna expressou que o cientista canadense o convidou para acompanhá-lo nas expedições científicas por que ele atuava como: “alpinista, caçador, zoólogo, psicólogo, e tudo misturado”. Frutos desta parceria entre Pierre Dansereau e Fernando Segadas-Vianna foram realizadas importantes publicações no Brasil, como aquela que descreve de maneira pioneira a vegetação e a Ecologia do maciço de Itatiaia, (Dansereau, Pierre; Segadas-Vianna, Fernando. The high mountain vegetation of Southeastern Brazil. Bulletin of the Ecological Society of America, Washington, v.28, n.4, p.48. 1947).

Experiência Científica do Professor Fernando Segadas-Vianna Nos Estados Unidos e no Canadá

Na América do Norte o Professor Fernando Segadas-Vianna teve a oportunidade de trabalhar diretamente também com outro expoente da Ecologia da época: Stanley A. Cain do Cranbrook Institute for Science da Universidade de Michigan, Estados Unidos. Neste período o Professor Fernando Segadas-Vianna desenvolveu um estudo pioneiro sobre plantas de brejo da família das tifáceas, que resultou em sua tese de mestrado, que foi defendida no ano de 1950 na Wayne University, em Detroit, sob a orientação de Stanley A. Cain. Esta pesquisa foi posteriormente publicada no renomado periódico *Journal of Ecology* (Segadas-Vianna, Fernando. Phytosociological and ecological study of cattail stands in Oakland County, Michigan. *The Journal of Ecology*, London, 39:316-329. 1951).

Durante sua permanência no Canadá, como bolsista do Conselho de Pesquisas desse país, o Professor Fernando Segadas-Viana realizou pesquisas com o ecólogo Pierre Dansereau sobre áreas alagáveis em regiões de turfeiras. Nessas pesquisas foram abordados aspectos de colonização e sucessão, que foram publicadas em importantes periódicos (Dansereau, P.; Segadas-Vianna, F. Ecological study of the peat bogs of Eastern North America, 1: structure and evolution of vegetation. *Canadian Journal of Botany*, Ottawa 30:490-520. 1952 e Dansereau, P.; Segadas-Vianna, F. Les principales associations et la succession dans les tourbières de la province de Québec. *Annales de l'ACFAS*, 14 :83-84. 1948).

Museu Nacional da UFRJ: As Raízes Científicas do Departamento de Ecologia

Como pesquisador da Divisão de Botânica do Museu Nacional, o Professor Fernando Segadas-Vianna criou, no ano de 1953, o Serviço de Ecologia, que atuou de maneira informal, até o ano de 1956, quando foi formalmente incorporado pela Divisão de Botânica. Este Serviço em Ecologia tinha como principal objetivo desenvolver pesquisas sobre Ecologia Vegetal, além de treinar estudantes nesta área. Alguns dos mais proeminentes cientistas egressos do Serviço de Ecologia, criado pelo Professor Fernando Segadas-Vianna foram Leda Dau e Wilma Ormond, que atuaram por décadas no Museu Nacional, dedicando-se, com muito sucesso à Ecologia de plantas de restinga.

Durante sua permanência no Museu Nacional, o fundador do Departamento de Ecologia fez importantes contribuições à Ecologia do Brasil, através da publicação de importantes artigos científicos sobre Ecologia Vegetal focando a zonation da vegetação do maciço de Itatiaia. Várias publicações foram realizadas pelo Professor Fernando Segadas-Vianna sobre esta temática, algumas delas são referências até os dias de hoje, como: Segadas-Vianna, F. & Dau, I. 1965. Ecology of the Itatiaia range, southeastern Brazil. II – Climates and altitudinal climatic zonation. Arquivos do

Museu Nacional 53:31-53 e Segadas-Vianna, F. 1965. Ecology of the Itatiaia Range, Southeastern Brazil – I – Altitudinal zonation of the vegetation. Arquivos do Museu Nacional 53:7-30.

Outra importante contribuição do fundador do Departamento de Ecologia da UFRJ foi a criação do Seriado Flora e Ecologia das Restingas do Sudeste do Brasil. Este seriado publicou durante vários anos, fascículos específicos para cada família botânica de um dos ecossistemas mais submetidos a impactos antrópicos do país, que são as restingas (Segadas-Vianna, F.; Ormond, W.; Dau, L. (Ed.). Flora ecológica de restingas do Sudeste do Brasil. 23 v. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1965-1978).

Além de suas contribuições diretas, o Professor Fernando Segadas-Vianna incentivou vários pesquisadores da Divisão de Botânica do Museu Nacional a desenvolver pesquisas pioneiras no Brasil, como a botânica Wilma Ormond (Ormond, W. Ecologia das restingas do Sudeste do Brasil: comunidades vegetais das praias arenosas, parte 1. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v.50. 1960) e Leda DAU (Dau, L. Microclimas das restingas do Sudeste do Brasil, 1: restinga interna de Cabo Frio. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v.50. 1960, entre outros.

Transferência do Professor Fernando Segadas-Vianna para o Instituto de Biologia

No ano de 1969 se iniciaram os trâmites para a transferência do Professor Fernando Segadas-Vianna do Museu Nacional para o Instituto de Biologia, processo que se concretizou no ano de 1970. Com a sua chegada e sua efetivação como docente do Instituto de Biologia, o Professor Fernando Segadas-Vianna deu início à criação do Departamento de Ecologia e aos trâmites para criar, de maneira pioneira, o primeiro curso de Bacharelado em Ecologia do Brasil.

Criação do Departamento de Ecologia em 1970: Uma Iniciativa Pioneira no Brasil

Todo o aprendizado científico acumulado nos Estados Unidos e no Canadá pelo Professor Fernando Segadas-Vianna, associado a outras características, como: grande capacidade de articulação institucional e grande espírito empreendedor, foram de extrema importância para conceber e viabilizar o Departamento de Ecologia, e simultaneamente criar o Curso de bacharelado em Ecologia da UFRJ.

Ao criar um Departamento de Ecologia, no ano de 1970 no Instituto de Biologia, o Professor Fernando Segadas-Vianna, colocou a UFRJ à frente das universidades latino americanas. Esta iniciativa foi um marco na história da Ecologia brasileira, especialmente quando se considera o momento político do país e a visão da população sobre Ecologia e sobre a preservação ambiental na década de 1970.

A década de 1970 foi marcada na história do Brasil, como o período mais negro da ditadura militar. Nos anos 70 o modelo, cunhado pelos antigos filósofos gregos e aperfeiçoado no século XVI, durante a revolução científica, de que a natureza deve ser dominada, atingiu, no Brasil, seu apelo máximo. Neste período surgiram as expressões: “desenvolvimento a qualquer custo”, “Amazônia: ocupar para não entregar”, “tragam a poluição para a pobreza acabar”, “desenvolver primeiro e pagar os custos da poluição mais tarde”, “conhecer a natureza para dominá-la”. Estas e tantas outras frases de efeito evidenciam o pensar dos governantes do Brasil à época. O pensar desenvolvimentista dos governantes brasileiros das décadas de 1970 e 1980, caminhava totalmente na contra mão do pensamento ecológico e muito menos do preservacionista e conservantista que começava a germinar no Brasil.

Construção de Parcerias para Viabilizar a Criação de um Departamento Pioneiro no Brasil

O Professor Fernando Segadas-Vianna soube ser um excelente negociador tanto no cenário interno da UFRJ quanto nacional, onde enfrentou e venceu várias resistências para criar um novo departamento, numa área do saber ainda muito ou quase desconhecida no Brasil. Sua habilidade logo apontou para a necessidade de se criar parcerias internas para viabilizar a criação deste novo departamento numa área do saber ainda incipiente no Brasil. Um dos principais parceiros nesta missão foi o professor Aluysio da Graça Calheiros de Mello Leitão, catedrático e chefe do departamento de Zoologia, que utilizou a plenitude todo o seu prestígio acadêmico e político para viabilizar no âmbito da UFRJ a criação do Departamento de Ecologia.

As parcerias construídas internamente na UFRJ, juntamente com a enorme capacidade de persuasão do Professor Fernando Segadas-Vianna renderam excelentes frutos ao novo Departamento de Ecologia, quando da distribuição do espaço físico do novo prédio do Centro de Ciências da Saúde, na Ilha do Fundão, notadamente o Bloco A, que seria ocupado pelo Instituto de Biologia no ano de 1972. Ao recém-criado Departamento de Ecologia coube a maior área distribuída entre os demais departamentos do Instituto de Biologia.

Início das Atividades do Departamento de Ecologia

No ano de 1970 se iniciam efetivamente as atividades do Departamento de Ecologia. O quadro de docentes era muito reduzido, formado pelos professores efetivos: Zélia Lopes da Silva, Jádihel Loredo Junior, Irlete Braga da Trindade e pelos colaboradores: João Baptista, Dalva Regina Dias dos Prazeres, Joana D’Arc Pereira da Silva. Para suprir a carência de docentes do departamento de Ecologia eram implementadas ações visando atrair docentes qualificados, tanto no Brasil, como no exterior. Em uma destas ações o departamento de Ecologia recebeu como professor visitante no período de 1972 a 1974 o cientista americano Woodruff Whitman Benson, que desenvolveu pesquisas sobre a relação planta-insetos. Este cientista foi posteriormente contratado na Universidade Estadual de Campinas (SP), onde desempenha suas atividades até os

dias de hoje. O maior contingente de pessoal do departamento de Ecologia era formado por estagiários, os quais eram fortemente contagiados pelo entusiasmo, carisma e pela liderança do Professor Fernando Segadas-Vianna.

Muitos dos estagiários do Departamento de Ecologia realizavam expedições científicas, nas quais permaneciam acampados, acompanhados pelo Professor Fernando Segadas-Viana ou por outros docentes do Departamento de Ecologia ou de instituições parceiras. Muitas vezes as expedições científicas se prologavam por semanas e eram realizadas em locais, na época distantes, como as restingas de Cabo Frio e de Maricá e nos Parques Nacionais da Serra dos Órgãos ou de Itatiaia. Esta possibilidade de convivência entre os pesquisadores e alunos em condições muito rudimentares era uma experiência única e muito valorizada por todos que participavam. Até os dias atuais aqueles participantes mencionam a importância daqueles momentos para a definição de futuros profissionais, visto que eram fonte de energia para o desenvolvimento de ideias, planos, projetos e de muitos sonhos, muitos dos quais se tornaram realidades, que hoje ajudam a construir a ciência Ecologia do Brasil.

Bacharelado em Ecologia da UFRJ: Primeiro Curso de Graduação na Área na América Latina

O Professor Fernando Segadas-Vianna teve a oportunidade ímpar de criar na UFRJ uma modalidade de bacharelado, em Ecologia, que foi a primeira iniciativa desta natureza no Brasil e durante muitos anos, a UFRJ foi a única universidade da América Latina a ofertar curso de graduação em Ecologia. Seu criador, Professor Fernando Segadas-Vianna era um pesquisador que conseguia olhar para o futuro muito antes e muito além de seus contemporâneos. Sua passagem por excelentes centros de pesquisas Norte Americanos foi fundamental para que a pesquisa fosse desde sua criação uma prioridade no Departamento de Ecologia. Todo o pensar científico cunhado durante a estada do Professor Fernando Segadas-Vianna no exterior e no Museu Nacional, constituíram sólidos alicerces para a consolidação da pesquisa como uma das vertentes principais do recém-criado Departamento de Ecologia.

Assim, já no seu nascimento, o Bacharelado em Ecologia oferecia aos seus alunos enormes possibilidades para o desenvolvimento de pesquisa no âmbito dos projetos do departamento, como também era colocado de maneira explícita a possibilidade de criar novos projetos de pesquisa, especialmente se fossem inovadores.

Grade curricular à frente de seu tempo: Uma característica do bacharelado em Ecologia na década de 1970

Além de um ambiente adequado para a realização de pesquisa, o bacharelado em Ecologia encontrava um elenco de disciplinas não só amplo, como muito moderno, muito à frente de seu

tempo, a ponto de muitas vezes causar “estranhezas” junto aos colegiados universitários da época, geralmente presos às amarras do conservadorismo acadêmico e ao conforto, que o imobilismo acadêmico e a administração universitária proporcionam. Algumas destas disciplinas, como por exemplo, Ecologia de Águas Doces, discutia em seu conteúdo programático, entre outros importantes tópicos, a crise da água doce no Planeta Terra e especialmente no Brasil. Lembra-se que a ementa desta disciplina deve ter sido proposta no ano de 1969, quando da preparação da documentação para a criação do Bacharelado em Ecologia. Nesta época falar em crise da água no Brasil não era aceito, um tema fora de qualquer contexto e apenas discutido por poucos visionários, como o Professor Fernando Segadas-Vianna. Fruto desta ousadia em propor o novo, os bacharelados em Ecologia formados na década de 1970 já discutiam em suas disciplinas e práticas, temas que estão na pauta de todos os segmentos da sociedade contemporânea.

A diversidade de disciplinas do Bacharelado em Ecologia criado pelo Professor Fernando Segadas-Vianna era considerável e comparável somente aos cursos oferecidos por universidades canadenses e norte americanas, com as quais seu fundador tinha a preocupação de manter e estreitar intercâmbios acadêmicos. Outro mérito do Professor Ferrando Segadas-Vianna era o fato de buscar fortalecer parcerias entre o Departamento de Ecologia com outras instituições sediadas na cidade do Rio de Janeiro, que trilhavam caminhos semelhantes.

Entre estas instituições se encontravam instituições públicas de pesquisa, como o Museu Nacional, o Jardim Botânico, o IBGE, órgãos federais e estaduais, mas também instituições privadas como escritórios de arquitetura e paisagismo, como aquele dirigido pelo renomado arquiteto Maurício Roberto, que desenvolvia em vários estados brasileiros projetos de infraestruturas, como estradas, grandes condomínios, entre outros utilizando conhecimentos de Ecologia gerados pelos poucos docentes e seus estagiários do Departamento de Ecologia.

Naquela época o Professor Fernando Segadas-Vianna já realizava juntamente com seus alunos e parceiros públicos e privados, o que décadas depois, veio a ser chamado de Estudos de Impacto Ambiental.

O Museu Nacional da UFRJ e o bacharelado em Ecologia da década de 1970 ofereciam um grande número de disciplinas (por exemplo: Introdução à Ecologia da Mesofauna do Solo, Ecologia das Populações Vegetais, Ecologia das Adaptações, Noções de Ecologia de Insetos, Paleoecologia, Ecologia da Conservação dos Recursos Renováveis e Não Renováveis, entre outras). Estas disciplinas eram oferecidas pelos mais renomados pesquisadores do país em atividade na época: como Roger Pierre Arlé, Wilma Ormond, Newton Cruz, Jesus Carlos Coutinho Garcia, Álvaro Xavier Moreira, Maria Tereza Jorge Pádua, Leda Dau, entre outros.

As parcerias entre o Departamento de Ecologia e outras instituições possibilitavam que as disciplinas constantes na grade curricular, assim como outras fora da grade (disciplinas inovadoras) pudessem ser oferecidas também por renomados cientistas de fora da UFRJ, como Alceo Magnanini, Ademar Coimbra Filho, Maria Tereza Jorge Pádua, todos membros com grande

atividade na Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (FBCN). A FBCN foi fundada em 1958 e foi uma das primeiras e por vários anos a mais importante e influente Organização Não Governamental conservacionista do Brasil.

A mente aberta a novas parcerias e a novos saberes, típica do Professor Fernando Segadas-Vianna era a energia indispensável para que o Departamento de Ecologia estivesse em constante processo de renovação do modo de ver a Ecologia, fato que o mantinha sempre atualizado.

Exemplo de Grade Curricular de um Vestibulando de 1970

Ao examinar a grade curricular do primeiro Bacharel em Ecologia, formado em 1973 é possível se constatar a diversidade de disciplinas cursadas, que favorecia uma enorme diversidade de olhares sobre a Ecologia, e uma sólida formação ecológica do egresso do Curso de Ciências Biológicas, modalidade Ecologia da UFRJ. Nesta grade curricular, observa-se que após o cumprimento das disciplinas do ciclo básico, o bacharelando cursou as seguintes disciplinas: Ecologia da Conservação e dos Recursos Naturais Renováveis, Autoecologia Vegetal, Sinecologia Vegetal, Levantamento Fitoecológico Florestal, Autoecologia Animal, Sinecologia Animal, Dinâmica Ambiental, Microclimatologia, Metodologia Científica, Ecossistemologia, Ecologia de Águas Doces, Projetos em Levantamentos Florísticos, Ecologia da Poluição, Ecologia das Adaptações e História da Ciência.

As atividades acadêmicas dos bacharelandos da década de 1970 envolviam grande número de excursões científicas às Restingas de Cabo Frio, Maricá e aos Parques Nacionais da Serra dos Órgãos e Itatiaia. Com frequência estas excursões demandavam acampamentos com grande infraestrutura e pessoal como cozinheiros, motoristas, barqueiros, mateiros e outros profissionais de apoio.

Primeira Turma de Bacharelandos em Ecologia é Formada, Característica: Visão Ampla sobre a Ciência Ecologia

Os bacharelandos em Ecologia da UFRJ da primeira turma (ano 1973) foram formados no contexto de um amplo espectro da Ecologia, que se iniciava na autoecologia vegetal e animal, passando por ecossistemas e degradação ambiental, até a sociedade humana. Neste sentido deve ser destacado que o Bacharelado de Ecologia da UFRJ foi o primeiro no Brasil a oferecer aos seus graduandos a disciplina de Ecologia Humana. Esta disciplina foi durante muitos anos ministrada por uma das primeiras docentes do Departamento de Ecologia a professora Edna Maria Machado Guimarães (infelizmente esta docente pioneira do Departamento de ecologia faleceu no dia 13 de setembro de 2014).

Além do forte embasamento teórico, os bacharelandos da primeira turma eram também possuidores de considerável experiência de campo. Os bacharelandos estavam capacitados para

organizar e viabilizar expedições de alta complexidade científica e logística. Estas qualificações possibilitavam que vários dos egressos do bacharelado em Ecologia, não somente da primeira turma, mas também das turmas subsequentes fossem convidados a participar de expedições científicas em outras regiões como Amazônia, Pantanal, Fernando de Noronha e até mesmo no exterior.

A primeira turma de bacharelados em Ecologia da UFRJ se formou em 1973 sendo composta pelos seguintes alunos: Carlos Alberto Peret, Francisco de Assis Esteves, Carmen Lúcia da Silveira, Helena Issinger Chaves e Ariel Ferreira Oyed.

Destaca-se que o bacharelado Francisco de Assis Esteves, ainda no sétimo período, foi contemplado como uma bolsa de estudos da Oekumenisches Studienwerk, uma fundação mantida pela igreja Luterana alemã, para desenvolver seu doutorado no Max-Planck Institut für Limnologie, na cidade de Ploen, no norte da Alemanha. A concessão desta bolsa foi motivo de muita alegria, contudo o aluno deveria estar na Alemanha no dia 4 de outubro de 1973, quando se iniciava o semestre letivo naquele país. Como ocorre até os dias atuais, o término do semestre letivo no Brasil é nos meses de julho e dezembro. Assim, o bacharelado Francisco de Assis Esteves estaria graduado e pronto para viajar somente em dezembro de 1973. Mais uma vez a generosidade e a grande visão de futuro dos Professores Aluysio da Graça Calheiros de Mello Leitão e Fernando Segadas-Vianna foram de fundamental importância, visto que eles atuaram diretamente para que os professores das disciplinas do oitavo período elaborassem planos didáticos-pedagógicos para que o conteúdo do semestre fosse condensado até o dia 1 de outubro de 1973 para que o aluno concluísse seu bacharelado e pudesse viajar.

Desta maneira um dos egressos da primeira turma de bacharelados em Ecologia colou grau dois meses antes dos demais colegas para que fosse possível viajar a tempo para iniciar seus estudos na Alemanha. Certamente o forte senso de burocratização do ensino, que caracteriza a administração universitária na atualidade, não iria permitir que um aluno colasse grau dois meses antes do término do semestre. O engessamento do saber e da formação de recursos humanos imposto pela burocracia atual pode impedir avanços científicos consideráveis.

Departamento de Ecologia Lidera Criação de cursos de Pós-Graduação

Em 1970 o Departamento de Ecologia, sob a liderança do Professor Fernando Segadas-Vianna, foi um dos principais agentes de nucleação, de um conjunto de instituições de pesquisas da Cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de criar, em caráter pioneiro no Brasil, o que seria o primeiro curso de Ecologia do país. Segundo o modelo, no qual o Professor Fernando Segadas-Vianna era um dos principais idealizadores, seria formada a Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Biologia (COPOB), composta pelo Curso de Pós-graduação em Genética, que teria o Professor Antônio Geraldo Lagden Cavalcanti como coordenador, o curso de Pós-graduação em

Ecologia, que teria como coordenador o Professor Fernando Segadas-Vianna, o curso de Botânica, que teria o Professor Carlos Toledo Rizzini como coordenador, o Curso de Pós-Graduação em Biologia Marinha, que teria como coordenado o Professor Henriques Rodrigues da Costa e o curso de pós-graduação em Zoologia, que teria como coordenador o Professor Dalcly Albuquerque.

A COPOB tomou como modelo para a sua criação a Coordenação de Programas de Pós-graduação em Engenharia COPPE/UFRJ, que foi fundada em 1963 pelo engenheiro Alberto Luiz Coimbra com o objetivo de integrar saberes de áreas afins. A COPOB teria um colegiado gestor formado por lideranças acadêmicas das diferentes Unidades Acadêmicas participantes e teve como seu primeiro Coordenador Geral o Professor Jose Cândido de Mello Carvalho, um renomado zoólogo do Museu Nacional.

Dentro da proposta da COPOB o curso de Pós-graduação em Ecologia teria duas instituições ministrantes: o Instituto de Biologia e o Museu Nacional e como instituições parceiras: a UFRRJ, UFF, Instituto Oswaldo Cruz, IBDF, Divisão de Pedologia do Ministério da Agricultura.

No ano de 1974 o curso de Pós-Graduação em Ecologia iniciou suas atividades didáticas. Contudo o processo de integração entre as instituições partícipes ficou rapidamente fragilizado e a oferta de disciplinas tornou-se muito irregular, fato que motivou uma evasão considerável dos alunos da primeira turma e o não ingresso de novos alunos nas turmas seguintes. Assim, em pouco tempo uma iniciativa ousada e inovadora, que visava integrar saberes de diferentes áreas afins teve de ser adiada para outro momento. Mais importante é o fato que fica claro o espírito inovador e de grande empreendedorismo que era vivenciado no dia-a-dia do departamento de Ecologia nos anos de 1970. Os poucos docentes que faziam parte de seu quadro e seus excelentes estagiários (hoje lideranças científicas em vários centros de pesquisa no Brasil e no exterior) eram detentores de uma enorme capacidade de transpor os limites impostos pela escassez crônica de recursos disponíveis à época e de ultrapassar as fronteiras de seu tempo.

Primeiros Anos de Vida do Departamento de Ecologia: O Habitat da Paixão Pela Ecologia

Nos primeiros anos de vida do Departamento de Ecologia o Professor Fernando Segadas-Vianna era praticamente a única possibilidade de orientação para os jovens bacharelados que desejavam complementar suas formações em ecologia e os dois únicos laboratórios do Departamento disponíveis eram os Laboratórios de Ecologia Vegetal e Laboratório de Ecologia Animal. Como líder intelectual, o Professor Fernando Segadas-Vianna tinha a postura e era considerado por todos como se fosse um catedrático (equivalente hoje ao professor titular), assim os dois laboratórios do Departamento de Ecologia eram, na prática, coordenados por ele, procedimento comum na época, quando o professor catedrático era a autoridade acadêmica máxima e única em um departamento.

Possuidor de espírito inovador, de grande carisma, grande poder de oratória e de personalidade combativa, o Professor Fernando Segadas-Vianna conquistava jovens bacharelados em grande número para o Departamento de Ecologia, a ponto de não ter orientadores suficientes para atender a grande demanda de candidatos a estagiários. Com frequência o Professor Fernando Segadas-Vianna convidava cientistas de instituições, fora da UFRJ, para co-orientar os alunos do Bacharelado em Ecologia, procedimento que na época, era visto com muita restrição pelos colegiados acadêmicos da UFRJ, mas enriquecia, e muito, a formação acadêmica do bacharelado em Ecologia. Mais uma vez era necessário transgredir a rígida burocracia universitária para promover avanços acadêmicos.

A visão ampla sobre a ecologia como ciência e sobre suas potencialidades de aplicação no manejo adequado de ecossistemas brasileiros foram essenciais para que o Professor Fernando Segadas-Vianna incentivasse alunos estagiários, que desejassem criar novas linhas de pesquisa e novos laboratórios no Departamento de Ecologia. Um bom exemplo foi o caso do laboratório de Limnologia, proposto pelo então estagiário Francisco de Assis Esteves, que foi criado em março de 1971. O estudo sobre Ecologia de Águas Continentais era até então praticamente inexistente no Brasil. O Professor Fernando Segadas-Vianna não só estimulou o jovem bacharelado, como indicou o hidrobiólogo do Instituto Oswaldo Cruz, Lejeune Pacheco Henriques de Oliveira para co-orientar as ações e práticas do novo Laboratório de Limnologia do Departamento de Ecologia.

O ambiente favorável à realização de pesquisas, ao desenvolvimento do empreendedorismo e em especial, ao estímulo à criação do novo, fazia do Departamento de Ecologia da UFRJ dos anos de 1970 um habitat desejado por aqueles que almejavam praticar uma ciência Ecologia com excelência acadêmica. Uma constatação desta afirmativa é o fato de que os egressos do Curso de Bacharelado em Ecologia das primeiras turmas tornaram-se renomados pesquisadores ou líderes em agências governamentais em vários Estados Brasileiros. Ressalta-se que na década de 1970 quando foram formados os primeiros ecólogos pela UFRJ, a figura do concurso público era praticamente inexistente, desta maneira boas possibilidades de empregabilidade eram raras, além disso, os formandos eram laureados com um diploma desconhecido até mesmo na academia: Bacharel em Ecologia.

Rio de Janeiro, março de 2015, aos 45 anos de criação do Departamento de Ecologia.